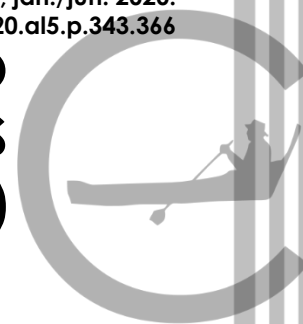


# A CIVILIZAÇÃO DO AMAZONAS NO PENSAMENTO DE TORQUATO TAPAJÓS (1853-1897)



Luís Francisco Munaro<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo busca interpretar a obra do intelectual amazonense Torquato Tapajós (1853-1897), dando especial destaque para os recursos que ele utilizou para entender a natureza, a sociedade e a política da província do Amazonas. Na sua primeira parte, procura traçar um panorama do Amazonas quando do período de juventude de Torquato, até a sua mudança para o Rio de Janeiro, onde completou os seus estudos e ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na segunda parte, investiga a obra de caráter fundamentalmente geopolítico de Torquato, onde estão evidenciadas a exaltação da natureza, a necessidade do povoamento do Amazonas, bem como as promessas econômicas inerentes à ocupação da “estrela do norte”. Estas ideias giram em torno da busca central pela civilização.

**Palavras-chave:** História do Amazonas; Torquato Tapajós; geografia; civilização.

## Abstract

This article seeks to interpret the work from the amazon intellectual Torquato Tapajós (1853-1897), giving special emphasis to the resources he used to understand the nature, society and politics of the province of Amazonas. In its first part, an overview of the Amazon is sought during Torquato's youth, until its move to Rio de Janeiro, where he finished his studies and joined the Brazilian Historical and Geographic Institute. The article realized how, in Torquato's fundamentally geopolitical work, the exaltation of the nature and settlement of Amazonas is evident, as well as economic promises inherent in the occupation of the "northern star". These ideas are available in a central search for the reach of civilization.

**Keywords:** History of Amazon; Torquato Tapajós; geography; civilization.

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Graduado em História e em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [luismunaro@yahoo.com.br](mailto:luismunaro@yahoo.com.br)



Saudades – tenho das tardes  
- saudades que trazem prantos –  
em que ao longe o Amazonas  
gemia os seus tristes cantos  
(NUVENS MEDROSAS, 1874).

Este trabalho é fruto da tentativa de compreender a obra de um grupo de letrados amazônicos, tarefa que se deteve, num primeiro momento, na necessidade de identificar indivíduos nascidos em solo amazônico e que tiveram a sua formação intelectual matrimoniada com a vivência cultural da região. O processo de formação de uma classe de letrados aconteceu de forma concomitante à criação da província do Amazonas (1850), que passou a abrigar um aparelho administrativo e requerer indivíduos capacitados para ser colocada em funcionamento. Índícios significativos desse processo de formação são fornecidos pelos relatórios produzidos pelos presidentes de província diretamente nomeados por D. Pedro II e, em sua maioria, escalados de outras regiões do país. Eles fornecem dados sobre os processos de escolarização e as tentativas de manter estabelecimentos de ensino, sempre mitigadas pela escassez de recursos nos “bárbaros sertões”. Por outro lado, compõem eles mesmos uma elite letrada embrionária que deixou, nos seus relatórios, indícios importantes para a percepção da formação de uma consciência regional.

Além da migração de pessoas de outras províncias para a composição da burocracia, teve particular importância para a formação da elite letrada a fundação do liceu, transformado posteriormente no Colégio Pedro II<sup>2</sup>. Elite letrada, para as finalidades deste artigo, é um grupo restrito de indivíduos que teve condições de acessar os meios de aquisição de educação e distinção social pela via da educação, seja ela o ensino secundário, cursos militares, faculdades ou seminários. Nesse sentido, a instalação do liceu, a partir da década de 1860, permitiu a consolidação de um processo autóctone de formação de indivíduos envolvidos com a resolução de problemas relativos à região amazônica ou, em outras palavras, para os quais o Amazonas cumpria um papel definidor na sua produção intelectual. Ao mesmo tempo, indivíduos capazes de dialogar com a história nacional e com fundamentos da filosofia, inserindo a região dentro de um quadro de reflexão mais amplo.

Dentre os indivíduos formados no liceu, o primeiro a se fazer um intelectual amazônico foi Torquato Tapajós (1853-1897). Como de praxe entre os indivíduos de

---

<sup>2</sup> MOTA, Assislene Barros. **A escola normal do Amazonas: a formação de uma identidade (1889-1945)**, Tese apresentada à UNISO, Sorocaba, 2005.



posição política e econômica mais favorecida, tão logo findo os seus estudos no liceu, ele foi enviado para outra província para continuar o seu processo de formação intelectual. Além de um pioneiro, a figura de Torquato é importante porque seu processo de formação em Manaus acompanha o dos primeiros filhos da província que ingressaram no mundo das letras. Nos dicionários biográficos de Agnelo Bittencourt<sup>3</sup> e Anísio Jobim<sup>4</sup>, não há a data precisa para a sua saída de Manaus em direção ao Rio de Janeiro, onde morou o resto dos seus dias. Supõe-se que o término dos seus estudos secundários em Manaus aconteceu no início dos anos 1870, dado que em 1871 completou 18 anos.

No que diz respeito à dimensão da cidade na qual Torquato Tapajós estava inserido, a população do Amazonas, segundo o censo geral de 1872, contava 57.610 almas, sendo que mais da metade (29.334) estava localizada em Manaus. Ainda não se experimentaram, nesse período, os eventos econômicos definidores da expansão da borracha, quando a população se multiplicou muito rapidamente, atraindo migrantes de outras regiões e países e, fato de não menor importância, assistindo a um número cada vez maior de periódicos impressos e a multiplicação de “escritores públicos” ou jornalistas. Este processo “fecundou” a bacia hidrográfica amazônica com pequenas folhas jornalísticas, criadas de forma quase concomitante à fundação dos municípios impulsionada pela economia gomífera e em acordo com as necessidades administrativas de publicação de atos oficiais.

A partir do pano de fundo que é a província recém criada, com modesta arrecadação tributária e com severas restrições para o financiamento do ensino público, uma população dispersa pelo vasto território e atividades extrativas pouco conectadas com o comércio internacional (a navegação internacional a vapor passou a figurar na Amazônia a partir de 1867), pode-se vislumbrar o estado de acanhamento da vila descrita pelos viajantes, desde brasileiros como Gonçalves Dias (1861-1862) até estrangeiros como Louis e Elizabeth Agassiz (1865-1866). Neste panorama algo “acanhado”, moldaram-se os estudos primários e secundários de Torquato Tapajós e entreteceram-se os cenários, panoramas e símbolos para a sua fatura poética, patente nas obras *Negreiros* (poesia), de 1872, e *Nuvens Medrosas* (poesia), de 1874.

---

<sup>3</sup> BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário Amazonense de Biografias**. Vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

<sup>4</sup> JOBIM, Anísio. **A Intellectualidade no Extremo Norte**. Contribuições para a História da Literatura no Amazonas. Manaus: Livraria Clássica, 1934.



Como será descrito neste artigo, Torquato Tapajós cruzou dois elementos que justificam o seu estudo mais aprofundado: foi um pioneiro numa cidade com condições de instrução precárias, apresentou significativa produção bibliográfica uma vez instalado na capital do Império, e destinou-a em sua maior parte para pensar a sua região de origem, muitas vezes na forma de imoderado ufanismo. A partir de sua trajetória na província e do seu deslocamento para a capital, serão buscados detalhes de seu pensamento geográfico e político deixados numa obra que se fez essencialmente uma defesa da “civilização do Amazonas”. Na condição de intelectual amazônico, Torquato produziu uma determinada representação do Amazonas e, ao mesmo tempo, ampliou-a por meio do diálogo com outros literatos, retomando a tradição de cronistas e viajantes e expandindo uma noção de civilização cara também aos presidentes da província. Intelectual sendo aquele cujos escritos assumem uma dimensão pública, buscando intervir, de alguma forma, na condução da sociedade por meio da operação de conceitos. Jean François Sirinelli lembra que há duas acepções mais frequentes de intelectual, uma ampla e sociocultural e outra, mais estreita, baseada na noção de engajamento. Nessa definição mais ampla, estão “uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ de cultura”<sup>5</sup>. Na segunda, estaria o intelectual engajado como um ator de relativa importância na condução da vida coletiva, assinando e escrevendo manifestos, buscando modificar o rumo dos eventos. Torquato Tapajós cruzou as duas noções: por um lado ele ajudou a criar uma definição cultural para o Amazonas, pensando-lhe no interior da República em gestação; por outro, atuou como um propagandista da causa do Amazonas diante de pretensões de outros estados e mesmo de outras nações, escrevendo para jornais do Amazonas para assumir determinadas posições políticas.

A partir da noção da trajetória de Torquato, se buscará na primeira parte deste artigo mapear a sua formação na província e as condições em que migrou para a capital; e, na segunda, identificar alguns traços do seu pensamento em vínculo com a exaltação da terra do Amazonas, tendo como eixo central de análise o conceito de civilização e progresso como eram percebidos pelas elites brasileiras da segunda metade do século XIX. Será possível responder, assim, como Torquato, saído de condições precárias da província, pode se fazer um intelectual atuante na questão do Amazonas a partir do seu

---

<sup>5</sup> SIRINELLI, Jean François, RIOUX (orgs) **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 242.



ingresso no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e como materializou um determinado conceito de civilização do Amazonas.

### **Da província à capital**

Todos os presidentes da província do Amazonas, a começar por João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, redigiram relatórios que acabaram se tornando expressões importantes da vida intelectual da região e, ao mesmo tempo, ajudaram a dar um significado para o homem regional na configuração social brasileira. O império brasileiro se via num processo ambíguo de encontrar o seu estatuto político: por um lado, começara a construir a sua história independentemente de Portugal, por outro, mantinha-se como uma monarquia no interior de um continente onde predominavam formações republicanas. Além da situação internacional na qual se colocava o Brasil, o governo imperial pouco alcançava os sertões amazônicos, debelando, a muito custo, a revolta da cabanagem entre 1835 e 1840.

No contexto nacional, estes presidentes lidavam com questões similares às que preocuparam os intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, que podem ser considerados exemplares da preocupação das classes letradas brasileiras: dar um contorno territorial ao império, definir a sua população e o papel que nesta caberia ao indígena e ao negro, bem como reunir os elementos culturais mais dispersos do território dando-lhe um sentido moderno de nação. A formação dos estabelecimentos de ensino se inscrevia nessa busca para dar corpo ao Brasil, formando cidadãos capazes de ingressar nos cargos administrativos, ainda que a cidadania se visse circunscrita a grupos muito fechados dentro das hierarquias do império.

O intelectual em ação no IHGB se percebia como um arquiteto da nação em busca de rumo, ou do Estado que buscava dar solidez à vida nacional. Se, por um lado, ele devia se inspirar na consolidação dos Estados nacionais europeus, por outro precisava lidar com a realidade multiétnica do Brasil e seu analfabetismo endêmico, forjando um mito de fundação nacional próprio no qual estariam presentes o indígena e a natureza tropical. À descrição pormenorizada da realidade multifacetada seguiu-se a tentativa, na poesia ou no romance, de dar unidade ao homem brasileiro, tentativa da qual o romance indianista se tornou maior expressão literária. Este homem brasileiro, que ainda não se sabe ao certo quem é, e em qual medida inclui os indígenas, mas que seguramente exclui os negros, precisava ser educado e moldado para ser um partícipe do império tropical.



No caso do Amazonas, quando de sua transformação em província, havia poucos estabelecimentos de ensino, em sua maior parte seminários construídos por jesuítas para práticas de alfabetização e aprendizado das doutrinas religiosas. Como já foi indicado, a carência de letrados resultou no recrutamento de indivíduos de outras regiões para o exercício de funções administrativas. Até 1875, dos 13 presidentes de província apenas João Wilkens de Mattos e João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha haviam nascido na região amazônica, mais precisamente em Belém. No que concerne a outro elemento importante, a disponibilidade de meios de divulgação intelectual, significativos da possibilidade de difusão de um pensamento local, ampliação dos seus padrões de reflexividade e criação de uma “consciência”, estes se delineiam, como sugere Benedict Anderson<sup>6</sup>, com a incorporação da produção de jornais e de uma literatura nacional, cuja consolidação teria se tornado possível pela tecnologia tipográfica. O início das atividades tipográficas na província remete a 1851, por iniciativa do tenente Manoel da Silva Ramos que, além de atos administrativos do governo da província, imprimiu o periódico “*5 de setembro*”, mais tarde tornado “*Estrella do Amazonas*”. Na mesma década, foi acompanhado por outro jornal, “*O Brado do Amazonas*” (1852-1858). Nos seus escritos, os redatores destas pequenas folhas percebiam em si mesmos uma tarefa heroica de levar as letras aos sertões, tematizando o Amazonas para os seus ainda escassos leitores. Nos dados disponíveis na Hemeroteca Digital Nacional, os dois jornais publicados na década de 1850 já somariam ao menos 6 títulos na década de 1860, 16 na década de 1870, 35 na década de 1880 e 39 na última década do século XIX.

A partir da economia da borracha, em fins da década de 1870, o incremento da atividade comercial gerado pela extração da goma elástica produziu significativas transformações urbanas. As levas de migrantes nordestinos e estrangeiros impulsionaram o crescimento populacional, com maior disponibilização de espaços de interação e circulação de jornais. A multiplicação de prelos ao longo da bacia hidrográfica se tornou expressão de uma esfera pública embrionária. Já na República, gestou-se uma cultura intelectual urbana concomitante ao crescimento do aparato estatal, onde indivíduos com domínio da língua (cargos como escriturários e amanuenses) eram constantemente requisitados<sup>7</sup>. A migração de nordestinos, sobretudo a partir de 1877, também assumiu importância fundamental no desenvolvimento de uma elite urbana, e não apenas na

---

<sup>6</sup> ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>7</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Manaus: EDUA, 2015.



ocupação dos seringais<sup>8</sup>. Alguns desses indivíduos se tornaram “patrões de seringal”, contribuindo para a dinamização da vida econômica, em torno dos quais circularam vários segmentos da elite, entre “profissionais liberais, juízes, advogados, fiscais do tesouro, da recebedoria da alfândega, agenciadores (no recrutamento dos que viriam a trabalhar na extração da borracha, os seringueiros), e ainda toda a série de intermediários do comércio propriamente dito”<sup>9</sup>. Assim, os indivíduos oriundos do “Velho Norte” favoreceram as bases mais tradicionais da sociedade manauara na transição do século XIX para o XX. Ao mesmo tempo, como lembra Ana Daou, instaurou-se a prática, entre estas elites recém formadas e impulsionadas pelo comércio da borracha, de enviar os filhos para estudar fora, “estratégia clássica de mobilidade social e um notável mecanismo de distinção nas sociedades complexas”<sup>10</sup>. A migração impulsionada pelo comércio da borracha e a formação da burocracia administrativa foi acompanhada pela difusão das práticas formais de ensino, culminando, em 1909, com a criação do primeiro estabelecimento de ensino superior do país, a Escola Livre de Manaus.

Esta é uma situação posterior a 1880, quando ocorreram explosivas transformações impulsionadas pelo ingresso da região nos circuitos internacionais de economia industrial. No período a que nos referimos, 1850 a 1875, ou seja, do nascimento e juventude de Torquato Tapajós, perdura a difícil situação de articulação da província, dispersão da população e acanhamento urbano. Não havia, nas palavras do viajante, poeta e etnógrafo Gonçalves Dias, um sistema de ensino formado<sup>11</sup>. Também nos seus relatórios, os presidentes de província apresentaram o mesmo problema. O Regulamento n.º. 1 de 8 de março de 1852 disciplinou a formação de estabelecimentos de ensino, o que não foi efetivado em virtude das várias dificuldades administrativas. O ensino secundário, em 1852, foi anexado ao Seminário Episcopal de São José, primeiro estabelecimento de ensino secundário do Amazonas, e ofereceu o ensino regular até a criação do “Liceu Provincial” em 1864, atual Colégio D. Pedro II<sup>12</sup>. No seu relatório, o presidente da província João Wilkens de Mattos descreveu o Liceu Provincial, cuja fundação efetiva, pelo decreto do presidente, teria ocorrido apenas em 14 de março de 1869, da seguinte forma:

---

<sup>8</sup> DAOU, Ana Maria. **A cidade, o teatro e o ‘Paiz das seringueiras’**. Rio de Janeiro: rio’s Books, 2014.

<sup>9</sup> Ibid, p. 54.

<sup>10</sup> Ibid, p. 56.

<sup>11</sup> MONTELLO, Josué. **Gonçalves Dias na Amazônia**. Relatórios e diários da viagem do Rio Negro. Rio de Janeiro: ABL, 2002.

<sup>12</sup> MOTA, Assislene Barros. **A escola normal do Amazonas: a formação de uma identidade (1889-1945)**, Tese apresentada à UNISO, Sorocaba, 2005, p. 54.



O regulamento nº 18; já aprovado, criou um liceu, como o ensino altamente reclamava. Estão providas todas as cadeiras, sendo algumas interinamente, na conformidade do mesmo regulamento. Como estavam reunidas ao Seminário, as poucas cadeiras do ensino secundário, não podiam ser da maior vantagem à mocidade estudiosa. É o liceu uma nova instituição; não devemos ser exigentes; animemo-la e os frutos não se farão esperar. E disto já vos posso dar alguma prova. No ano de 1868, apenas 10 alunos se matricularam nas aulas secundárias. No de 1869, as matrículas se elevaram a 13. No corrente, já elas subiram a 20. A confrontação destes números faz gerar *a bem fundada esperança de que a instituição do liceu há de derramar, mais tarde, a sua grande utilidade pela mocidade amazonense, cuja inteligência só carece de direção e alimentação pura*. Os nossos votos, que são os dos sinceros amigos do progresso moral da província, serão realizados. Dos 13 alunos que se matricularam em 1869, nove comparecerão aos exames, sendo 8 aprovados e 1 reprovado. Dos aprovados 4 mereceram prêmios, que no meio de um brilhante concurso, foram em sessão solene por mim presidida, distribuídos no dia 6 de janeiro deste ano. Essa primeira festa literária foi mais uma semente lançada neste abençoado solo amazonense, da qual proveitosa e abundantemente produzira no futuro<sup>13</sup>.

Estes poucos alunos matriculados ajudaram a compor as elites letradas, a preencher os cargos administrativos e, constantemente, demonstraram o seu conhecimento das letras, símbolo de distinção numa sociedade predominantemente iletrada, nos pequenos jornais. Foi no espaço formativo do liceu, como lembra Antonio Loureiro, que figuraram “as cadeiras de gramática nacional, aritmética teórica e prática, francês, geografia e história, filosofia racional e moral”<sup>14</sup>. Além disso, o liceu, uma vez transformado em Colégio Pedro II, ajudou a moldar uma quantidade significativa de jovens para a formação de uma intelectualidade local dos anos 1930, entre os quais Álvaro Maia, Ramayana Chevalier e Anísio Jobim, que deixaram ativa produção bibliográfica sobre a região amazônica. Portanto, de um modo ou de outro, as esperanças de João Wilkens de Mattos referentes ao liceu se converteram em ativo fermento para a “mocidade amazonense”.

O pai de Torquato Tapajós, Coronel Francisco Monteiro Tapajós, filho de migrantes portugueses, desenvolveu atividades comerciais no Amazonas, chegando a abrir uma olaria em Manaus. Ele foi deputado pela Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, através da qual discursou em favor do desenvolvimento do sistema educacional local, pleiteando bolsas de estudo para dois de seus quatorze filhos. Sua memória é associada aos serviços homeopáticos prestados aos doentes de malária. Como

---

<sup>13</sup> Relatório da província do Amazonas do tenente-coronel João Wilkens de Mattos, de 4 de Abril de 1869, Apud MOTA, Assislene Barros. **A escola normal do Amazonas: a formação de uma identidade (1889-1945)**, Tese apresentada à UNISO, Sorocaba, 2005, p. 54, p. 19-20, grafia atualizada, grifos nossos

<sup>14</sup> LOUREIRO, Antonio José Souto. **O Amazonas na época imperial**. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007, p. 124.





lembra Vicente Tapajós, “foram de sua autoria proposições como as apresentadas nas sessões de 17 a 18 de agosto de 1854, decretando, respectivamente, aumento salarial dos professores e a prática da Educação Musical nas escolas”<sup>15</sup>. Outra de suas propostas, também no campo da educação, sugere que “a educação e ensino da mocidade deve sempre ser um dos principais cuidados do legislador, para apresentar à sociedade homens instruídos e sábios, que possam substituir aos que curam dos interesses de seus semelhantes, do bem estar de seus concidadãos e engrandecimento de um país [...]”<sup>16</sup>. O Coronel Monteiro Tapajós ilustra, portanto, uma certa aflição da elite nativa em torno da educação de seus filhos e da dificuldade em favorecê-los com um conhecimento de caráter universal, capaz de ir além do acanhamento da vida na província. O vínculo entre o Coronel Monteiro e seu filho Torquato se demonstrou em carta de outubro de 1877, publicada no *Jornal do Amazonas*, quando o então engenheiro Torquato Tapajós defendeu o seu pai de “umas agressões” desferidas pelo presidente de província Agesilão Pereira:

O sr. Coronel Francisco Antonio Monteiro Tapajós, a quem tanto mal quer o sr. Dr. Agesilão, é um velho e respeitável servidor da pátria que em época que vai bem longe começou, expondo sua vida em prol da ordem pública e das instituições juradas, a prestar os mais relevantes serviços ao país, serviços que nunca serão comparados aos de qualquer cabo de eleições<sup>17</sup>.

Graças à influência política de seu pai, preocupado com os estudos dos filhos, Torquato viajou na condição de Alferes da Guarda Nacional para o Rio de Janeiro, já que como soldado raso teria que viajar na terceira classe<sup>18</sup>. Uma vez ali instalado, realizou os estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde, evidentemente, se envolveu com toda uma outra ordem de preocupações intelectuais não acessíveis aos letrados que ficaram na província e foram absorvidos pelos quadros administrativos e pela produção dos jornais. A Escola Politécnica, instituição civil nascida da Escola Militar, oferecia seis

---

<sup>15</sup> Apud. TAPAJÓS, Vicente et all. **A Amazônia no século XIX**. Contribuição do coronel Francisco Antonio Monteiro Tapajós para o seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1979, p. 154.

<sup>16</sup> Sessão de 18 de Agosto de 1854, TAPAJÓS, Vicente et all. **A Amazônia no século XIX**. Contribuição do coronel Francisco Antonio Monteiro Tapajós para o seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1979, p. 156.

<sup>17</sup> TAPAJÓS, Vicente et all. **A Amazônia no século XIX**. Contribuição do coronel Francisco Antonio Monteiro Tapajós para o seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1979, p. 144

<sup>18</sup> BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário Amazonense de Biografias**. Vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 488.



cursos especiais: de ciências físicas e naturais, de ciências físicas e matemáticas, de engenheiros geógrafos, de engenharia civil, de minas, e o de artes e manufaturas<sup>19</sup>.

Ao mesmo tempo, Torquato perfez a escalada do filho da terra que, uma vez na cidade grande, dedica tempo lembrando da “vida simples” na província. A ideia de uma “defesa do Amazonas” alcança toda a sua produção bibliográfica. Sua vivência desse período de juventude consta, de alguma forma, no seu livro de poesias “Nuvens Medrosas”, publicado em Manaus no ano de 1874. Os poemas refletem a insegurança do jovem saído da província, suas saudades da família e da terra natal e sua gradativa conversão ao Rio de Janeiro. Infelizmente, não há descrições de paisagens ou eventos mais específicos da cidade de Manaus através das quais pudéssemos contemplar a sua rotina. Entre os temas tratados nos poemas estão os sempre presentes “amores da juventude”, a relação do amante tímido com a mulher virginal, que se transforma, mais à frente, na relação do amante ora malandro, ora inocente, com a “morena ingrata”<sup>20</sup>, a “mulher perdida”<sup>21</sup> e a “serpente”<sup>22</sup>. Também aparecem como temas a incerteza da morte, menções à família e familiares em específico (mãe, irmã, irmão, padrinho), a religião cristã e Deus, a solidão e a nostalgia, o fazer poético e sobretudo Castro Alves, a figura histórica de Tiradentes e, evidentemente, o Amazonas, tanto o rio quanto a província (esta última em três poemas):

Dorme, estrela do norte, que a procela  
Que brame além das nuvens do futuro,  
Aponta-te um lugar que de imponente  
Excede esse de Roma outrora altivo!<sup>23</sup>

Os poemas ajudam a visualizar a chegada do moço da província na capital, onde mergulhou nos estudos e na vida mundana, quer dizer, na “corrupção do mundo”. Sobre a experiência dessa transição, Torquato Tapajós escreveu na introdução do mesmo “Nuvens Medrosas”:

---

<sup>19</sup> GABLER, Louise. “Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1891-1920)”. 2018. Disponível em <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/244-academia-imperial-militar>. Acesso em Janeiro de 2020.

<sup>20</sup> TAPAJÓS, Vicente et all. **A Amazônia no século XIX**. Contribuição do coronel Francisco Antonio Monteiro Tapajós para o seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1979, p. 130)

<sup>21</sup> TAPAJÓS, Torquato. **Nuvens Medrosas**, Manaus, 1874. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/nuvens\\_medrosas](https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/nuvens_medrosas), p. 137.

<sup>22</sup> Ibid, p. 93.

<sup>23</sup> Ibid, p. 136.



Há para mim duas épocas na vida em que o homem tem necessidade de escrever, prescindindo para isto da forma. A primeira – aquela em que o coração sonha o futuro rodeado de flores, de glórias, e de perfumes; em que se vive dos olhares trêmulos de uma virgem; em que se cria o infinito da felicidade nas fantasias apaixonadas do espírito; em que se ama finalmente: é a época da mocidade; é aos dezoito anos de idade.

A segunda – quando tudo é negro nos horizontes límpidos de outrora; quando o vago do infinito se apresenta encarnado no impossível da realidade; quando o coração chora sobre a lápide gelada do sepulcro, que esconde as cinzas do passado, e a alma se debruça sobre a cruz da saudade, envolvida no crepe funerário, que traduz a morte da crença: é a época da saudade e da resignação. Não direi qual destas épocas me domina o espírito. Devo talvez colocar-me na da transição<sup>24</sup>.

Neste período da “transição” para a vida adulta no Rio de Janeiro, Torquato adquiriu formação de Engenheiro Geógrafo e se especializou em geografia sanitária<sup>25</sup>. Na condição de Engenheiro, tornou-se sócio da empresa de Melhoramentos do Brasil e diretor da Companhia de Construções Civas do Rio de Janeiro (Ibid). Sobre isso, afirma Agnelo Bittencourt que:

Ao tempo achava-se, na Capital do Império, uma Companhia do Império, uma Companhia inglesa, sob a responsabilidade do engenheiro Revy, contratada para realizar a rede de esgotos e saneamento da metrópole. O Dr. Torquato Tapajós examinou minuciosamente o plano da rede em apreço. Munido de lápis e cadernetas, diariamente, estava ele a colher subsídios para o combate àquele plano, que considerava errado e, como tal, incapaz de resolver o problema de esgoto da cidade<sup>26</sup>.

Por conta dessa atuação, mesmo sem formação médica, Torquato Tapajós ingressou na Sociedade Nacional de Medicina. Ele também produziu estudos sobre esgotos e saneamento em São Paulo e Niterói, incluindo uma “Memória sobre a Eletrólise das Águas do Mar e Sua Aplicação às Grandes Redes de Esgotos”, em 1891, que recebeu a “medalha Hankshaw”. Seu ingresso no IHGB, em 1888, como sócio correspondente, demarcou sua preocupação com temas atinentes à geografia nacional, durante a transição do Império para a República, que inaugurou novas relações de força política nos estados e municípios. Em 1890, Torquato foi transformado em sócio efetivo. Na missão dos intelectuais no IHGB, estão presentes a ideia de que a história e a geografia auxiliam na compreensão dos aspectos singulares da nação, elementos que marcarão os contornos da obra de Torquato Tapajós.

<sup>24</sup> TAPAJOS, Torquato. **Nuvens Medrosas**, Manaus, 1874. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/nuvens\\_medrosas\\_](https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/nuvens_medrosas_), p. xv-xvi.

<sup>25</sup> BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário Amazonense de Biografias**. Vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 489-90.

<sup>26</sup> Ibid, p. 489.



Nesta obra, segundo sua biografia que consta na página digital do IHGB, estão contidos ao menos 24 livros publicados, somando 4 de poesia ou literatura e 14 sobre a geografia do Amazonas, além de outros envolvendo questões sanitárias. São as obras sobre o Amazonas aquelas que interessam aqui, já que permitem ver como o autor buscou vocalizar uma preocupação com o estado do Amazonas no período de transição republicana, buscando imprimir-lhe consistência e um sentido particular, ao mesmo tempo em que demonstra os benefícios da ocupação humana da região para o alcance da civilização. Torquato não se refere à Amazônia (que aparecerá com mais força entre os letrados de início do século XX), antes busca pelo Amazonas, que ocupa uma situação de indefinição territorial nas fronteiras com o Pará e Mato Grosso. Nestas obras, Torquato Tapajós se realizou como um intelectual em defesa de sua terra. Os vínculos que o ligam à terra não são apenas as lembranças da juventude, mas também vínculos políticos no interior dos quais está enredado o seu pai Coronel Francisco Tapajós.

### **Torquato Tapajós e a civilização do Amazonas**

Ao descrever as principais obras de Torquato Tapajós, Agnelo Bittencourt menciona, em tom algo ufanista, a grandeza do seu conhecimento geográfico e seu papel no progresso das ciências, que seria insubstituível mesmo depois de um século da sua publicação. Em seu dicionário, diz que:

Do mesmo jaez, são as demais produções do insigne sanitarista e poeta. Não fique igualmente sem uma clarinada para acordar o esquecimento o livro ‘Apontamentos para a Climatologia do Vale do Amazonas’, de 148 páginas sem contar os numerosos anexos, comprovantes das assertivas do contexto. Esse trabalho prova que o Amazonas possui, desde eras recuadas, um serviço meteorológico em que baseia para desmentir a assoalhada infâmia de curatelado por um clima impróprio à vida humana<sup>27</sup>.

Dentre as obras que foi possível acessar durante a produção deste artigo, atinentes ao tema geografia e Amazonas ou o lugar do Amazonas no Brasil, estão os “Apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil”, de 1888; “Apontamentos para a Climatologia do Valle do Amazonas”, de 1889; “Estudos sobre o Amazonas”, de 1896 e “Colonização e imigração, povoamento do estado do Amazonas”, de 1897. A escolha destas obras seguiu um fator simples de logística: sua disponibilidade na biblioteca digital do Senado e no acervo digital da Biblioteca do Amazonas.

---

<sup>27</sup> BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário Amazonense de Biografias**. Vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 490.



Nas obras citadas, Torquato buscou entender o Amazonas por meio da geografia e viabilizar a sua civilização, defendendo-o das “calúnias” relativas ao clima insalubre. Ele compartilha uma dada cultura política com os presidentes de província sobre a necessidade de povoamento do Amazonas e da atração dos imigrantes para a empreitada civilizacional<sup>28</sup>. Sobretudo entre estes presidentes, a necessidade de povoamento e desenvolvimento da agricultura se tornou um tópico predominante, particularmente urgente para o progresso da província. Este progresso viria, segundo a crença iluminista, a partir do “domínio da natureza pela técnica”. Sobre isto, segundo Pedro Braga,

Durante o século XIX, os discursos dos viajantes, naturalistas estrangeiros, e intelectuais brasileiros, indicam que o conceito de evolução da natureza foi unido também ao de civilização. Neste sentido, a ‘civilização da natureza’, expressada no seu domínio pela ciência e pela técnica com a finalidade de transformá-la em favor dos projetos civilizadores do Estado, esteve presente no discurso dos cientistas do período<sup>29</sup>.

Esta civilização se apresentaria como um conjunto de avanços necessários para o encaixe do Brasil no mundo moderno. Tendo como modelo a França das Luzes, a civilização buscada implicava pensar a nação como um conjunto coeso de suas várias partes, caminhando de maneira uniforme em direção a um futuro percebido como grandioso, e deixando atrás de si um passado que era sempre visto como bárbaro. Essa mundivisão, pode-se dizer, foi predominante entre os intelectuais e burocratas do Segundo Reinado no Brasil, a função de burocrata e intelectual em geral fundindo-se uma na outra. O progresso implicava o aperfeiçoamento econômico e moral, por meio da técnica e da educação. Ao mesmo tempo, tratava-se, no imaginário imperial, de integrar as várias partes do Brasil e dotá-lo de uma identidade; essas várias partes integrando-se justamente na medida em que se tornavam conhecidas, cartografadas, e tornada viáveis economicamente, gerando recursos. Do ponto de vista do povo brasileiro, buscava-se convertê-lo num povo adequado ao trabalho pela via do progresso moral proporcionado pela educação. A descoberta da fisionomia do povo brasileiro foi uma das principais preocupações destas mesmas elites, preocupação patente tanto nas obras científicas quanto literárias. Como lembra Nasthya Pereira, a retórica da civilização e do progresso esteve presente em toda a cultura política do Segundo Reinado, orientando também as

---

<sup>28</sup> BRAGA, Pedro Henrique Maia. **O clima do Amazonas**: Uma interpretação dos discursos de administradores provinciais (1850-1890). Dissertação apresentada ao PPGH de História da UFPB, 2015.

<sup>29</sup> BRAGA, Pedro Henrique Maia. **O clima do Amazonas**: Uma interpretação dos discursos de administradores provinciais (1850-1890). Dissertação apresentada ao PPGH de História da UFPB, 2015, p. 13.



ações dos presidentes da província do Amazonas, que deixaram uma série de relatórios em que descreviam as suas tentativas de implantação desse progresso e os obstáculos que encontravam. Segundo a autora:

A retórica para a civilização e progresso é algo muito explícito nos relatórios desses administradores. Mormente quando lamentam sobre o estado econômico e social, simultaneamente, lançam um olhar para o futuro cheio de esperança quando a rica natureza, viesse a ser, de fato, explorada e utilizada de forma industriosa pela população e pelo Estado. A natureza era representada, deste modo, como um grande reservatório de riquezas e vista como um dos elementos da nacionalidade pelos presidentes. Além de ser encarada como um “instrumento concreto da construção e consolidação da nação”<sup>30</sup>.

Vários instrumentos foram utilizados para este fim, entre os quais a geologia, astronomia, botânica, zoologia, etnografia e a geografia. Com as cada vez mais numerosas comissões científicas destinadas a explorar o território brasileiro, estes instrumentos foram sendo colocados em funcionamento e ajudaram a entender a especificidade do território brasileiro, dentro de um enquadramento científico. A exploração geográfica visava dar uma inteligibilidade ao território brasileiro, expandir o poder central, ocupar os interiores e, ao mesmo tempo, descobrir as suas potencialidades econômicas. Como lembra a mesma Nasthya Pereira, a relevância da geografia ia além do aspecto meramente físico:

Sua relevância nas explorações estava ligada à valorização da natureza e seu consequente gerenciamento, que seria levado a cabo pelas práticas agrícolas. Por se apresentar como um conceito amplo, a geografia envolvia estudos complementares como a geologia, a zoologia, a arqueologia e a etnografia. A geografia manteve fortes laços, sobretudo, com a etnografia, o que é demonstrado com as explorações feitas no Amazonas motivadas pelas preocupações dos presidentes quanto ao conhecimento da principal possibilidade de mão-de-obra na região<sup>31</sup>.

Nesta percepção da geografia, que se faz ela mesma um instrumento do progresso, deve ser percebida a obra de Torquato Tapajós, no sentido de ajudar a garantir a unidade do Brasil, observar as suas potencialidades econômicas e impulsionar a sua civilização. Por outro lado, a obra de Torquato está permeada, aquém do pragmatismo necessário para o desenvolvimento da civilização, de uma concepção da região amazônica que se poderia chamar de “edenista”<sup>32</sup>, nem sempre obedecendo à calculada neutralidade científica, já

<sup>30</sup> PEREIRA, Nasthya. **Relações Homem-Natureza: O Discurso Político Sobre Agricultura e Extrativismo na Província do Amazonas (1852-1889)**. Dissertação apresentada ao PPGH-UFAM: Manaus, 2008, p. 57-8.

<sup>31</sup> *Ibid.*, 2008, p. 64.

<sup>32</sup> GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Polo, 1994.



que o seu apelo ao povoamento, como será visto adiante, passa ao largo dos inumeráveis problemas concretos para a habitação humana no Amazonas.

Além de, como geógrafo, buscar definir os contornos do Amazonas, dar um lugar para o seu “povo” e, ao mesmo tempo, estimular o seu povoamento, preocupou-o a entrada de “braços para o trabalho”. Sobre isso, como lembra Braga,

em Tapajós, a execução da imigração estava diretamente relacionada ao desembaraço dos flagelos da terra, tanto no sentido animal como no vegetal. Isso porque, com o agir do homem sobre o espaço, os pântanos seriam dessecados, os rios ‘entram em seus leitos’, terras inférteis passam a dar frutos, e, por fim, ‘como todas as forças tende a equilibrar-se’, o clima e a salubridade, conseqüentemente, melhorariam, e a vida seria eternizada na região, com famílias que se fixariam ao solo<sup>33</sup>.

Torquato começa a sua exposição que terminará na demonstração dos benefícios gerados pela imigração demonstrando cuidadoso conhecimento da literatura dos viajantes pelo Amazonas. Nos seus “Apontamentos para a climatologia”, percebe-se a descrição detalhada adornada com uma roupagem edênica, o Amazonas sendo pintado como uma terra de promessa, terra sempre “esquecida” e, por conta desse esquecimento, um “enorme deserto”. Para Torquato,

O vasto e desconhecido sertão da antiga capitania de S. José do rio Negro; o berço adamantino da legendária Manôa, a cidade de ouro, estrelada de pérolas puríssimas que, engastadas num céu de esmeraldas, remiravam-se nas cristalinas águas, que rolavam, como seixos fantásticos, grandes blocos de brilhantes; o grandioso vale do Amazonas, é ainda hoje um *enorme deserto*, entregue ao silêncio misterioso das grandes florestas verdes negras, cortado apenas de longe em longe pelos soluços das cachoeiras, que rolam das alturas e mergulham-se nas alcantiladas gargantas dos despenhadeiros, envolvidas nos densos nevoeiros e na alvíssima espuma, que perlustra o rio<sup>34</sup>.

O deserto a que se refere o autor se demonstra na ausência dos indícios civilizatórios já referidos. A forma de vencer este deserto seria, como também para os presidentes da província, o povoamento e o uso da técnica. Mesmo como geógrafo experimentado, Torquato vê a província como um idílio não muito distante das suas poesias produzidas na juventude. Ao mesmo tempo em que procura descrevê-la, Torquato a defende e a idealiza de uma forma que seria difícil encontrar nos relatórios provinciais.

<sup>33</sup> BRAGA, Pedro Henrique Maia. **O clima do Amazonas**: Uma interpretação dos discursos de administradores provinciais (1850-1890). Dissertação apresentada ao PPGH de História da UFPB, 2015, p. 105.

<sup>34</sup> TAPAJÓS, Torquato. **Apontamentos para a Climatologia do Valle do Amazonas**. Autor: Torquato Tapajós Rio de Janeiro, 1889a. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/apontamentos\\_para\\_a\\_climatologia\\_do](https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/apontamentos_para_a_climatologia_do), p. xvii, grifo nosso.



Ao falar no IHGB, por exemplo ele estava mais preocupado com a propaganda explícita da sua terra e em chamar a atenção de seus colegas literatos para a grandeza amazônica. Em sessão de 10 de outubro de 1889, ele fez alusão a um texto de Onffroy de Thoron que defende as origens lendárias da Amazônia e, considerando então o grande afluxo de recursos promovido no período da “Belle Époque”, sua disposição para a grandeza:

A província do Amazonas é uma das mais prósperas do império. Embora sua riqueza pública seja quase exclusivamente devida à indústria extrativa, a *excelência* de suas terras, a *bondade* e a *salubridade* de seu clima; a facilidade extrema das comunicações e transportes das mercadorias e o dos produtos florestais feitos por meio de suas inúmeras estradas que marcham, na frase de Pascal, dão-lhe as precisas condições para ser um excelente e grande empório de todas as indústrias e do crescente comércio tanto do interior, como marítimo e de trânsito para as repúblicas vizinhas<sup>35</sup>.

A natureza amazônica se apresentaria, assim, como uma linha auxiliar da civilização, se domesticada e utilizada com a técnica científica. Evocando o passado glorioso e lendário descrito por Thoron, Torquato constrói um pano de fundo para elaborar a sua própria visão sobre o povoamento, que passa pela defesa contra a “calúnia no estrangeiro”:

Passemos ao terceiro ponto de nossa tese: *o futuro da província do Amazonas*. Não há país mais *caluniado* no estrangeiro do que o Brasil, disse viajante ilustrado em tempos que não vão longe. E em verdade assim é; e, o que é mais, dentre os pontos do império aqueles que mais sofrem são os situados no Vale do Amazonas. É indispensável remover do espírito de muitos este mau conceito de que injustamente goza aquela vasta região. Não se compreende como de elementos falsos e imaginários se nutrem espíritos que aspiram foros de ponderados, e isto em prejuízo de um grande e *riquíssimo* pedaço desta mesma pátria brasileira!<sup>36</sup>

Suas descrições, que se desdobram paralelamente à propaganda dos benefícios da região, lidam com esse estigma criado pelo “discurso calunioso” contra o clima. Este riquíssimo pedaço da pátria brasileira é visto pelo filtro do edenismo, mas não só isso, já que permeado pela visão da civilização e do progresso, Torquato também realiza um estudo histórico e documental sobre a constituição do Amazonas, transformando-o numa defesa geopolítica da configuração territorial do estado. Em texto publicado em 1896,

<sup>35</sup> TAPAJÓS, Torquato. Conferência realizada na sessão de 10 de Outubro de 1889; pelo sócio remido Torquato. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**. TOMO V Ano de 1889b Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/181897/per181897\\_1889\\_00004.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/181897/per181897_1889_00004.pdf), pp. 227-8, grifos nossos.

<sup>36</sup> TAPAJÓS, Torquato. Conferência realizada na sessão de 10 de Outubro de 1889; pelo sócio remido Torquato. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**. TOMO V Ano de 1889b Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/181897/per181897\\_1889\\_00004.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/181897/per181897_1889_00004.pdf), p. 229, grifos nossos.





Torquato defendeu a extensão de terras que então desfrutava o estado do Amazonas, elencando elementos históricos capazes de corroborar o seu ponto de vista. Segundo ele, diante das alegações do Governo do Mato Grosso, “o Governo do Amazonas, calmo e tranquilo nada mais tinha feito então e até agora tem feito, do que manter-se dentro dos limites de uma jurisdição secular nunca postos em dúvida”<sup>37</sup>.

No ano de sua morte, 1897, portanto apenas 8 anos depois da publicação de sua primeira obra sobre geografia do Amazonas, Torquato publicou “Colonização e imigração” através da Imprensa Oficial em Manaus. A obra é um opúsculo de 23 páginas dedicado ao General José de Miranda da Silva Reis, presidente da província do Amazonas. Nela, Torquato reconsiderou a importância da ocupação dos “espaços vazios” e passou a discutir quem deveria ocupar estes espaços, numa tarefa de imaginação característica da cultura política desde pelo menos 1850 no Brasil. Torquato deixou implícita a noção de que as populações, vistas como que um material humano, podiam ser combinadas, educadas, transformadas pela ação política para melhor ocuparem ou “engrandecerem” o espaço da nação, transformando-se em conjunto com a natureza para nesta se encaixar. Esta combinação de culturas nacionais aconteceria, nesse imaginário positivista que atravessou também as escolas militares, por meio de uma planejada miscigenação, o que envolveria não apenas elementos brancos como também indígenas e orientais. Para Torquato,

A mestiçagem, pois, cientificamente concebida, deve ser o processo adotado para o definitivo povoamento das grandes e opulentas terras do Estado; mas é bem de ver que nós a tomamos como um processo lento de unificação dos elementos étnicos da raça na formação do tipo individual de cruzamento, que é o produto final, sem que sofra restrições à indigenização, que é um processo transitório e que se reduz à introdução de indivíduos no meio que desejamos desenvolver<sup>38</sup>.

A miscigenação deveria incorporar o indígena apostando também que, com o afluxo crescente de migrantes europeus ocorreria o “branqueamento” da população. Estes tópicos centrais trabalhados por Torquato Tapajós, migração, indigenização e miscigenação, são em geral caros ao IHGB e sua reflexão sobre a constituição da nação. Estando a questão nacional ligada à língua, à religião, ao Estado, ao território e ao povo,

<sup>37</sup> TAPAJÓS, Torquato. **Estudos sobre o Amazonas**. Limites do Estado. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1896. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179466>, p. 6.

<sup>38</sup> TAPAJÓS, Torquato. **Colonização e imigração**. Povoamento do estado do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1897. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/colonisacao\\_e\\_migracao](https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/colonisacao_e_migracao), 1897, p. 6.



caberia ao intelectual reunir os elementos característicos deste povo, tanto descobrindo-o por meio da etnografia, quanto buscando o seu “melhoramento” por meio da imigração e miscigenação. Esta última, como lembra Giralda Seyferth,

se transformou em assunto privilegiado no discurso nacionalista brasileiro após 1850 – vista como mecanismo de formação da nação desde os tempos coloniais e base de uma futura raça histórica brasileira, de um *tipo* nacional, resultante de um processo seletivo direcionado para o branqueamento da população. Como consequência, será assunto obrigatório na discussão da política imigratória, especialmente a relacionada com a colonização, porque nesta estava em jogo o outro elemento fundamental para a nação – a ocupação do território.<sup>39</sup>

Assim, a construção da civilização brasileira requeria a colonização orientada pelo Estado, com a atração de etnias desejáveis para a composição do *tipo* nacional. Em Torquato Tapajós, a “civilização da natureza” ainda encontrava o obstáculo dos vastos sertões desabitados, ou habitados por indígenas hostis, que requeriam um pulso governamental para converter-se efetivamente em parte integrante do Brasil. O autor lembra a plasticidade inerente ao homem, quer dizer, o ser humano universal, “inteligente e fecundo”, que alcança o equilíbrio com a natureza quando colocado em condições adversas<sup>40</sup>. A realização da civilização seguiria o esquema iluminista: conhecimento do território, subjugo da natureza, povoamento seguido de progresso moral e econômico.

No que de mais específico encarna a “civilização do Amazonas”, Torquato atribui importância ao conhecimento hidrográfico para o povoamento da região<sup>41</sup>, conhecimento gerado por meio das comissões científicas de levantamento geográfico. Uma vez conhecidos os rios, quer dizer, os caminhos, seria possível conduzir da melhor forma os imigrantes até os locais escolhidos. O autor sugere, do ponto de vista logístico, a necessidade de um “porto franco para recebimento de migrantes” e sua posterior incorporação na vida da cidade, ou então a sua interiorização. Sua rápida inserção social serviria para impedir o “desvio” pelo contágio com a vida errante e nômade característica da região. Este tema da degradação parece preocupar em particular Torquato, como

---

<sup>39</sup> SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, p. 43, grifo da autora.

<sup>40</sup> TAPAJÓS, Torquato. **Colonização e imigração**. Povoamento do estado do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1897. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/colonisacao\\_e\\_migracao](https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/colonisacao_e_migracao), 1897, p. 7.

<sup>41</sup> TAPAJÓS, Torquato. **Colonização e imigração**. Povoamento do estado do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1897. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/colonisacao\\_e\\_migracao](https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/colonisacao_e_migracao), p. 8.



preocupou os presidentes da província e também as elites republicanas de uma forma geral. Para tanto, Torquato pensou também as condições da hospedaria para receber os imigrantes:

em que sejam atendidas todas as exigências da ciência, no que se refere à aglomeração de indivíduos em recintos fechados. Esta hospedaria deverá ficar localizada em um ponto muito próximo à cidade, sem que nesta esteja. Evitaremos assim os males que, sob o ponto de vista da saúde pública, poderiam advir, embora acidentalmente, dificultando ao mesmo tempo, pela proximidade das vistas da alta administração, que o contato perigoso dos elementos maus, superabundantes em todos os centros civilizados, inicie e complete a obra de sedução, que desvie e desvirtue os intuítos e as vistas do poder público<sup>42</sup>.

Inseridos os elementos certos no ambiente estudado, a partir de um determinado número de variáveis controladas, a obra da ocupação e colonização seria proveitosa para a “civilização da natureza”. Torquato reflete cuidadosamente sobre os ingredientes necessários para essa composição, discutindo os aspectos físicos e também culturais, sobretudo religiosos, da recepção dos imigrantes. O imigrante deveria encontrar as condições para a realização do seu culto, seja este qual for, já que “na vida em comum a celebração do culto é um laço de união poderoso, que prende os indivíduos em sociedade”<sup>43</sup>. A religião assim não apenas forneceria conforto, mas conferiria algum grau de coesão social aos indivíduos instalados na cidade.

Tendo ponderado sobre as condições para a chegada dos imigrantes, Torquato discutiu quais etnias poderiam ser mais úteis para a função da ocupação da terra, em tópicos comuns aos positivistas da Primeira República como exemplificado na obra posterior de Joaquim da Silva Rocha. Em “História da Colonização do Brasil”, de 1918, portanto 21 anos depois do opúsculo de Torquato Tapajós, Silva Rocha refletiu a ação do governo brasileiro e seus agentes sobre a imigração e colonização. Nela, ele realizou uma longa análise sobre as correntes migratórias, revelando tópicos persistentes sobre a questão e ajudando a ilustrar o tipo de preocupação política que se adensa com a incorporação do positivismo. Sobre a obra de Silva Rocha, como destaca Giralda Seyferth, as medidas propostas para obter boa colonização “remetem à questão da nacionalização dos imigrantes – como ‘dar sentido cívico a naturalização’, garantir uma ‘tutela moral através do ensino público’, ampliar as possibilidade de contato provendo as

---

<sup>42</sup> Ibid, 1897, p. 9.

<sup>43</sup> Ibid, 1897, p. 11.



colônias em vias de comunicação mais adequadas, etc.”<sup>44</sup> São preocupações similares, como temos visto, àquelas de Torquato Tapajós, para quem a colonização só seria proveitosa se os colonos fossem colocados em comunicação efetiva com o restante da nação. A cultura política que se desenhou no Brasil, tanto no Segundo Reinado quanto na Primeira República, aludia constantemente ao tipo de imigrante desejado, com foco naqueles que seriam mais laboriosos para o trabalho agrícola. Estes elementos comporiam a civilização brasileira e, no seu interior, “a raça brasileira”, quer dizer, o *tipo* almejado. Os imigrantes, neste contexto, contribuiriam para o “branqueamento” e submergiriam na cultura brasileira, sendo por ela assimilados.

Feitas as suas considerações sobre a importância do povoamento e as condições culturais e materiais para a instalação dos imigrantes, Torquato passa à reflexão de quais seriam as etnias – ou nações – mais desejáveis para a construção dessa “civilização do Amazonas”. De início, parte de dois povos que julga particularmente laboriosos: o japonês e o armênio. Com linguagem próxima dos republicanos, sugere que estas “raças” ajudariam no “engrandecimento do Estado”. Em particular sobre o armênio, “a Armênia cristã, sob o domínio da Turquia, é constituída por um *povo profundamente laborioso, forte, belo tipo e capaz de colaborar conosco eficazmente na obra do povoamento e do conseqüente engrandecimento do Estado*”<sup>45</sup>. Os elementos de destaque entre armênios e japoneses seriam a sua capacidade de trabalho e sedentarismo, mas também a sua constituição física. Depois de cogitar também italianos, espanhóis e portugueses, Torquato se pergunta como seria possível a atração destes imigrantes. Haveria, constata, muitos braços disponíveis para o trabalho no mundo, estando a dificuldade em convencê-los a uma tão dramática migração para os confins da selva amazônica. Ao se referir aos portugueses, ele amadurece a ideia de como atraí-los:

Para fomentar e explorar esse desejo, há várias agências de emigração e o engajamento é feito por milhares de sub-agentes, alguns dos quais limitam-se a ganhar as comissões que ajustam, mas outros emprestam dinheiro aos emigrantes com hipoteca de seus poucos haveres e não raro com usura imoderada e ilegítima. O fim de tal empréstimo é habilitar o imigrante a ocorrer as despesas de passaporte e deixar uma pequena quantia à sustentação de alguma pessoa de família, ou amanho de algumas geiras de terra. Diante deste quadro profundamente real, quem duvidará dos resultados de uma propaganda séria, facilitando o Governo a partida do emigrante, que os empreiteiros exploram?<sup>46</sup>

<sup>44</sup> SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 52-3, grifo da autora.

<sup>45</sup> Ibid, p. 13, grifos nossos.

<sup>46</sup> Ibid, 1897, p. 15.



Como se sabe, a propaganda que, efetivamente, atraiu estrangeiros, nem sempre correspondeu à realidade. Além de pintar com cores bondosas o seu rincão natal, Torquato Tapajós estava preocupado em responder às objeções do afamado Eugene Poiré, que no seu livro *L'emigration française aux colonies* teria “lançado sobre nós as mais revoltantes inverdades”, o que ajudaria a afastar os imigrantes. Repercutindo os preconceitos de seu tempo, alicerçados numa cultura política trabalhada pelo IHGB mas também reflexo das elites administrativas interiorizadas, Torquato procurou esboçar um plano para a entrada destes migrantes. Não apresentou algo que poderia ser chamado de uma visão original, mas refletiu com sua biografia a originalidade da trajetória de um moço educado no liceu provincial que ganhou a vida como geógrafo na capital do Império. Viu nos indígenas um material plástico, pronto para ser educado e moldado pela civilização, mas sobretudo a ser incorporado pela via da miscigenação. Entrecruzando a visão poética sobre a terra edênica, a visão técnica de engenheiro geógrafo e, por fim, o propagandista do engrandecimento do Vale do Amazonas, Torquato Tapajós deixou estes últimos escritos no mesmo ano em que faleceu, 1897, aos 44 anos.

### **Considerações finais**

Este artigo trouxe, rapidamente, aspectos da vida e da obra do intelectual amazonense Torquato Tapajós, partindo do pressuposto de que foi um dos primeiros membros nativos da elite manauara que adquiriu algum grau de projeção literária. Ao mesmo tempo, foi um intelectual tornado possível por algum esforço do governo provincial que laborou na construção de um estabelecimento de ensino secundário, o liceu. Quer dizer, resultou da combinação da vivência em Manaus, do aprendizado das humanidades no liceu, depois acrescentado pelo ensino na Escola Politécnica do Rio, onde se transformou em engenheiro geógrafo preocupado com questões sanitárias. Mesmo diante dessa nova atuação profissional, Torquato manteve sempre reflexões ativas sobre a sua província, depois estado do Amazonas, seja na forma de lembranças, manifestadas pela poesia, seja pela forma do estudo erudito, seja pela defesa política e propaganda.

O papel que neste artigo foi dado ao liceu diz respeito, antes de tudo, à real possibilidade que ele abriu a um moço da província, mantendo-o conectado com a reflexão de questões locais e regionais e, ao mesmo tempo, garantindo-lhe amplitude filosófica. Torquato lutou contra a “calúnia estrangeira” patente em escritos depreciativos sobre as questões climáticas brasileiras, bem como tentou construir um programa de



incentivo para o povoamento de imigrantes para suprir as demandas dos ainda “vastos desertos”. Muito possivelmente, se tivesse vivido mais tempo, teria se envolvido de forma mais ativa com as questões sanitárias que absorveram os esforços de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, tornando a Amazônia uma espécie de centro laboratorial da produção científica brasileira.

Ademais, teria podido dialogar, quem sabe até participar, das várias comissões de demarcações que se seguiram, em especial aquela da qual participou Euclides da Cunha, entre 1904 e 1905, e que gerou a obra “À margem da História”, com visão bastante diferente da oferecida por ele mesmo. Antes do Éden, para Euclides, na monotonia do verde sem fim a floresta introduzia o inferno, mesmo “inferno verde” de Alberto Rangel em contos de 1908. No seu esforço circunscrito ao final do século e início da República, Torquato estava mais preocupado em dar um contorno civilizacional ao estado do Amazonas pintando-o como a grande promessa do Brasil.

Retomando a questão lançada ao início deste artigo, sobre o intelectual, é importante pensá-lo como aquele que, no momento de transição do Império para a República, reflete sobre a sua terra e busca inscrevê-la no fluxo histórico orientando, de alguma forma, o rumo dos acontecimentos, encaixando-a na nova arquitetura de poder que se desenhava. Por um lado, este intelectual se inscreve numa tradição cultural e amplia o significado da Amazônia, de outro, transforma-se ele mesmo num militante da causa do Amazonas.

Nos cenários críticos, lembra Claudia Wasserman, “os intelectuais são capazes de explicar a aceleração do tempo. Ideias que pareciam fora do lugar – ou do tempo – passam a fazer sentido, bem como as propostas de transformação ou conservação da sociedade também adquirem significado nos discursos intelectuais” (2015, p. 73). Tanto quanto explicar a aceleração do tempo e organizar os eventos, Torquato buscou no passado, na tradição, elementos para justificar uma determinada proposta de transformação ou mesmo a conservação de uma situação. Neste caso, buscou fornecer alicerce para a ideia de uma civilização, perfeitamente escorada na história e encaixada na República, do Amazonas.

**Data de submissão:** 22/04/2020

**Data de aceite:** 24/06/2020



## Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Agnelo. **Dicionário Amazonense de Biografias**. Vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BRAGA, Pedro Henrique Maia. **O clima do Amazonas**: Uma interpretação dos discursos de administradores provinciais (1850-1890). Dissertação apresentada ao PPGH de História da UFPB, 2015.

COSTA, Kelerson Semerene. **Homens e natureza na Amazônia brasileira**: dimensões (1616-1920). Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

DAOU, Ana Maria. **A cidade, o teatro e o 'Paiz das seringueiras'**. Rio de Janeiro: rio's Books, 2014.

GABLER, Louise. "Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1891-1920)". 2018. Disponível em <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/244-academia-imperial-militar> Acesso em Janeiro de 2020.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Polo, 1994.

JOBIM, Anísio. **A Intellectualidade no Extremo Norte**. Contribuições para a História da Literatura no Amazonas. Manaus: Livraria Clássica, 1934.

LOUREIRO, Antonio José Souto. **O Amazonas na época imperial**. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

MONTELLO, Josué. **Gonçalves Dias na Amazônia**. Relatórios e diários da viagem do Rio Negro. Rio de Janeiro: ABL, 2002.

MOTA, Assislene Barros. **A escola normal do Amazonas**: a formação de uma identidade (1889-1945), Tese apresentada à UNISO, Sorocaba, 2005.

MUNARO, L. F. **Rios de Palavras**: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921). 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

PEREIRA, Nasthya. **Relações Homem-Natureza**: O Discurso Político Sobre Agricultura e Extrativismo na Província do Amazonas (1852-1889). Dissertação apresentada ao PPGH-UFAM: Manaus, 2008.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920). Manaus: EDUA, 2015.

SCHWEICKARDT, Júlio César. **Ciência, nação e região**. As doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas, 1890-1930. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

SEYFERTH, G. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. Raça, ciência e sociedade [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 41-58.

SIRINELLI, Jean François, RIOUX (orgs) **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.



SOUZA, Leno José Barata. Cultura impressa no Amazonas e a trajetória de um jornal centenário. **Tempos Históricos**. volume 14 • 2º semestre de 2010 • p. 106-133.

TAPAJÓS, Torquato. **Apontamentos para a Climatologia do Valle do Amazonas**. Autor: Torquato Tapajós Rio de Janeiro, 1889a. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/apontamentos\\_para\\_a\\_climatologia\\_do](https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/apontamentos_para_a_climatologia_do)

TAPAJÓS, Torquato. **Colonização e imigração**. Povoamento do estado do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1897. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/colonisacao\\_e\\_migracao](https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/colonisacao_e_migracao)

TAPAJÓS, Torquato. Conferência realizada na sessão de 10 de Outubro de 1889; pelo sócio remido Torquato. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**. TOMO V Ano de 1889b Disponível e [http://memoria.bn.br/pdf/181897/per181897\\_1889\\_00004.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/181897/per181897_1889_00004.pdf)

TAPAJÓS, Torquato. **Estudos sobre o Amazonas**. Limites do Estado. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1896. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179466>

TAPAJÓS, Torquato. **Nuvens Medrosas**, Manaus, 1874. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/nuvens\\_medrosas](https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/nuvens_medrosas)

TAPAJÓS, Torquato. **Valle do Amazonas e os apontamentos para o dicionário geográfico do Brazil**. Rio de Janeiro: Tipografia da Escola Serafim José Alves, 1888. Disponível em: [https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/valle\\_do\\_amazonas\\_o](https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/valle_do_amazonas_o)

TAPAJÓS, Vicente et all. **A Amazônia no século XIX**. Contribuição do coronel Francisco Antonio Monteiro Tapajós para o seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1979.

WASSERMAN, Claudia. “História intelectual: origem e abordagens”, **Revista Tempos Históricos**, 2015.

